

TABULEIRO DE LETRAS

MENSAGEM: UM “MAIS ALÉM” DE FERNANDO PESSOA

MESSAGE: A " MAIS ALÉM " OF THE FERNANDO PESSOA

Letícia Pereira de Andrade¹

Resumo: Fernando Pessoa dizia ser criador de mitos. Neste artigo, verificamos que em *Mensagem* o poeta propõe a remitologização de mitos lusitanos, numa hipótese que há convergências entre mitos da humanidade, do Ocidente ao Oriente. E esse projeto poético apontaria para um “*Mais Além*” (PESSOA, 1993, p. 91), ou seja, teria o objetivo de passar uma “mens-ag-em”, uma “re-velação” não só para Portugal, mas para a Humanidade Inteira.

Palavras-chaves: *Mensagem*, Mito, História, Remitologização

Abstract: Fernando Pessoa said to be the creator of myths. In this work, we verified that the poet proposes the Lusitanian myths’ remythologization, in *Mensagem*, a hypothesis that there is convergence between myths of humanity, from West to East. This poetic project would aim for a "Beyond" (PESSOA, 1993, p. 91), ie, the goal would have to spend an "ag-mens-in", a "re-veiling" not only Portugal, but for Whole Humanity.

Keywords: *Mensagem*, Myth, History, Remythologization

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Especialista em Latim e estudos diacrônicos pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atualmente doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



1. FUSÃO DO MITO E DA HISTÓRIA

*O mito é o nada que é tudo.
[...]
Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.
(Fernando Pessoa)*

A mitologia germinou dos tempos mais antigos da história do pensamento humano. Desde o período arcaico até o contemporâneo, a questão da formação do mito e de sua influência na evolução da experiência humano-existencial tem passado por diferentes apreensões teóricas, ratificando a paradoxal condição do mito que “é o nada que é tudo” (PESSOA, 2006, p. 20).

Ao perceber que o mito embora aflore nas representações, não é representação de nada, Fernando Pessoa (1888-1935; poeta descendente de judeu²), colocou no inominado e no imponderado a essência do mito, confinando a sua matéria ao indeterminado das valorações simbólicas.

De acordo com a epígrafe, o mito só “escorre a entrar na realidade” (PESSOA, 2006, p. 20), ou seja, só se insere no mundo terreno à medida que circula na coletividade, sob formas de imagens psíquicas que se tornam culturais. O mito parece apontar para a integridade de algo que se perdeu, “o nada que é tudo” (PESSOA, 2006, p. 20), para o momento da devolução do homem a uma ordem perdida ou a sua reintegração cósmica para além do caos, para o interior do que é o seu lugar efetivo no universo.

Para Pessoa, o mito não significa muito na dimensão temporal do passado, mas adquire uma simbologia no plano espiritual, metafísico. Essa simbologia pode ser relacionada com o seu projeto poético, na busca de uma identidade para a pátria portuguesa que intersecciona várias raízes mitológicas, inclusive a mitologia judaica, como se propõe mostrar este trabalho.

² Segundo Anita Novinsky, em *Fernando Pessoa: o poeta Marrano* (1999), vários membros da família de Pessoa foram presos e penitenciados pela Inquisição, todos acusados de judaísmo (guardavam os sábados, não comiam carne de porco e não acreditavam nos dogmas da Igreja Católica). Apesar de Pessoa não assumir abertamente a sua condição de judeu, segundo a autora, o poeta tomou dos marranos (judeus obrigados a seguir ao Catolicismo Romano, mas que não se convertiam realmente aos seus dogmas) inúmeros aspectos de sua vivência e de sua psicologia: os heterônimos, a ânsia de fugir, a angústia do jogo, a dualidade do “ser”, a busca de uma identidade. Segundo Teresa Lopes (*apud* Novinsky, 1999), Pessoa sempre se interessou pelas teorias e práticas judaicas. Mas de “alma errante”, peregrinou por várias crenças como: Rosa Cruz, Maçonaria, Templários, Cabalistas, Messianismo Judaico e tantas outras.

Consciente de sua missão, Pessoa centrado na dimensão mítica da matéria épica, fala sobre a nação Portuguesa, em *Mensagem* (1934) ³, de forma a libertar o tempo histórico linear, utilizando o discurso no tempo presente e na primeira pessoa do singular. Segundo Elêusis Camocardi (1996, p. 10- 11), esse projeto poético é antigo no espírito de Pessoa: pretendia enaltecer a pátria transmitindo uma mensagem de fé nos destinos da nação, por acreditá-la predestinada.

Após várias articulações com os amigos, Pessoa publica *Mensagem* sustentada na mistura das dimensões mítica e histórica:

A dimensão real consiste na estruturação do passado histórico de Portugal – desde os alvares da nacionalidade até às conquistas ultramarinas e a decadência dos tempos modernos – e a dimensão mítica estrutura um tempo presente (futuro) não realizado historicamente (CAMOCARDI, 1996, p. 13).

O poeta trabalha com essa mistura de dimensões, porque tinha em mente que “um mito pode não ser verdade, mas ser verdadeiro” (PESSOA, 1993, p. 92), ou seja, entrar na mentalidade psíquica do povo de modo a orientá-lo de que a decadência nacional era mais um signo de esperança do que de desespero, como vocação transcendental mais que de êxito terreno. Aqui a história assumiria o sentido que tem nos textos bíblicos que se referem à mentalidade histórica de Israel, ou seja, à sua maneira típica de comportar-se na história. Como em Israel, o ato narrativo de Portugal de Pessoa assumiria um valor teológico.

Fernando Pessoa no seu projeto poético ou no seu novo ideal patriótico, propõe o surgimento de um “Supra-Camões” (PESSOA, 1912) ⁴, como forma criadora e exemplar na história universal. Trabalha com a narrativa portuguesa, de um lado, evocando o ícone da identidade lusa e buscando ir além dele e, de outro, procurando revelar os ocultos fundamentos mitológicos da humanidade. Assim, a obra *Mensagem* trata de uma história elevada à categoria suprema do sagrado.

Segundo Aristóteles (1980), há três funções para o mito: uma forma atenuada de intelectualidade; uma forma independente de pensamento ou de vida; e como um instrumento de controle social. É possível perceber na história de Israel que um único

³ Utilizaremos, nas citações, a edição comentada por Jane Tutikian (2006).

⁴ Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada (A) (Ensaio). Porto, "A Águia", 2.^a Série, N.º 4, Abr. 1912, pp. 101-107 (Neste artigo, Pessoa anuncia, pela primeira vez, o aparecimento de um "Supra-Camões")

homem comandava um tão grande povo, cantando seus mitos de geração a geração. Ou seja, o mito aqui é uma narrativa que atende a uma coletividade, como fosse uma resposta a uma pergunta coletiva, reveladora da necessidade de preenchimento de um espaço vazio.

De onde terá vindo esta idéia de que um mito pode ser tão poderoso? Ou pode ser atuante numa coletividade em que todos respirem nesta atmosfera? Mesmo se falso (isto é, mesmo que não seja “nada”), na concentração de Pessoa, um mito tem o potencial de provocar comportamentos sociais e, portanto, facilitar a evolução da humanidade. Como diz Maria Amélia Gomes:

Pessoa cria um Portugal mítico porque o real o não satisfaz, nem pela mentalidade acanhada, nem pelas instituições em crise. O seu Portugal não é o das conquistas nem o do *status quo*, mas o das Descobertas: é evolutivo, universalista, difusor de cultura, ultrapassando pelo espírito as suas fronteiras materiais (In: PESSOA, 1993, p. 92).

Fernando Pessoa, então, instituiu um ideal patriótico, um “sebastianismo racional ou prático” (In: BARRETO, 2007, p. 119-120). E rompendo com os moldes clássicos, imprimiu uma mensagem regeneradora da pátria e do Universo dos homens. O que está presente na escrita de Pessoa é o fato de que não se restringe ao conhecimento em torno da materialidade e da compreensão de um povo (português ou judeu), mas ela assume preocupações espiritual superiores e se consagra como universalista, por meio de sua atividade estética literária singular.

Talvez por isso *Mensagem* seja uma espécie de bíblia do nacionalismo poético português. Apesar de seu misticismo hermético, tornou-se popular, sendo estudada nos bancos escolares.

[Esta] epopéia tornou-se memorial e o Portugal nela evocado um fantasma que nos roubava o presente e impedia que déssemos ao futuro as cores de um sonho que não fosse apenas o de um povo no tempo, mas o do tempo de um povo assimilado à Humanidade inteira (LOURENÇO, 1997, p. 20).

Este projeto nacional atingiria a humanidade inteira, porque assumiria uma atmosfera espiritual e mobilizaria coletividades. Ao recriar o mito sebástico, com sua força poética e mística, Fernando Pessoa faz uma espécie de revelação divina, como a *Bíblia* Hebraica, cantando uma epopéia no futuro.

Nos tempos antigos bíblicos, a história do povo hebreu assimilava ao seu mito fornecendo modelos para a conduta dos povos antigos, conferindo significação e valor à

existência. Seu mito era de origem e de destinos coletivos. Assim outros povos imitavam esses antigos, recriando seus mitos cada qual a sua maneira. Aqui mito e história fundem-se num só caminho na busca de entendimento do passado. A questão específica da relação entre mito e história, em Israel, encontra-se diante da situação paradoxal pela quais os mitos ou os fragmentos de mitos importantes das culturas vizinhas foram incorporados nos grandes conjuntos narrativos sob forma de mitos historicizados.

Fugindo de padrões tradicionais, em *Mensagem*, Fernando Pessoa abrange uma multiplicidade dinâmica de processos físico-espiritual, como se fosse a “hora” de renovar o caráter do Mito na “Humanidade inteira”. Pois o poeta sabia da importância e da função de um mito em uma sociedade. Segundo o próprio poeta (2006, p. 20), “O mito é o nada que é tudo. / O mesmo sol que abre os céus / É um mito brilhante e mudo - / O corpo morto de Deus, / Vivo e desnudo”.

Mensagem, como gênero épico, abarca o mito e a história do povo português. Lenda e realidade se misturam como possibilidade de ação narrativa que usam a linguagem verbal, relacionando-a com certo passado. E ao se relacionar a certo passado, a história também partilha das aventuras da composição em imagens sob a égide da função ostensiva da imaginação.

Assim, Mito e História não são opostos, suas fronteiras (caso existam) não se separam - como pensavam os cientistas do século XIX. Fernando Pessoa, no início do século XX, já navegava por outros mares, ou seja, tinha consciência que mito e história se entrelaçam no texto épico moderno, como por exemplo, em *Mensagem*.

2. CONVERGÊNCIAS MÍTICO-HISTÓRICAS ENTRE ISRAEL E PORTUGAL

*Nação porque reencarnaste,
Povo porque ressuscitou
Ou tu, ou o de que eras a haste –
Assim se Portugal formou.
(Fernando Pessoa)*

O mito de um povo coincide com os ideais deste povo. E para conhecer mitos em Portugal é preciso verificar sua história. Segundo Saraiva (1994, p. 112), “os mitos históricos são uma forma de consciência fantasmagórica com que um povo define a sua posição e a sua vontade na história do mundo”. Concordando que os mitos históricos

contêm paradigmas da posição e vontade de um povo na história do mundo, é possível perceber que o mito lusitano tem suas raízes em tempos bem distantes, antes mesmo de esse território chamar-se Portugal.

Conforme Pessoa, na epígrafe, Portugal nasce de uma reencarnação, ou ressurreição porque era haste, como os judeus que mesmo esmagados sempre floresceram na união da esperança e promessa divina. Os arquétipos do inconsciente coletivo acompanham gerações e gerações, por isso o mito parece não morrer, mas ser mutante.

A presença hebraica na Península Ibérica encontra seus primórdios na Antigüidade. Assim, pode-se pensar que a mitologia judaica alimentou diversos messianismos medievais e tem tido uma presença recorrente na cultura portuguesa. Ou seja, no universo de mitos do Atlântico, constituído pelas diferentes diásporas, há inúmeras histórias que fazem referência aos hebreus. Seria continuação de uma mesma história?

A gênese do Messianismo e do V Império está na *Bíblia* dos hebreus. Daí a maior convergência entre Mito de Israel e de Portugal. Camões mesmo, em *Os Lusíadas*, fez alusão a uma profecia da *Bíblia Hebraica* sobre o V Império, vaticinando que Portugal seria o V Império sucedendo aos impérios assírio, medo-persa, grego e romano, profetizado por Daniel (capítulo 2):

Eternos moradores do luzente / Estelífero Pólo, e claro Assento:
/ Se do grande valor da forte gente / De Luso não perdeis o
pensamento, / Deveis de ter sabido claramente / Como é dos
fados grandes certo intento / Que por ela se esqueçam os
humanos / De Assírios, Persas, Gregos e Romanos (CAMOES,
s/d, p. 27).

Portugal, antes de assim ser chamado, em 29 a.C., era um território habitado por vários povos, quando entrou no domínio da história escrita, na época da invasão romana na Península Ibérica. A romanização deixou marcas duradouras na cultura local. Segundo Pessoa (1986, p. 50), “produto de dois séculos de falsa educação fradesca e jesuítica, os portugueses são vítimas de uma prolongada servidão coletiva”.

Com o declínio do Império Romano esse território foi ocupado por povos germânicos e depois por árabes. Contudo, há carência de maiores estudos científicos sobre os períodos iniciais da presença hebraica na região que se chamaria Portugal. Historiadores se divergem em relação à chegada dos primeiros judeus nessa região.

Alguns autores de estudos clássicos atestam que os judeus deslocaram para essa região em variadas épocas e por razões as mais diversas: um grupo de comerciantes, à

época de Salomão (1015-977 a.C.); outra leva, como fugitivos, trazidos da Babilônia, em consequência da destruição do Primeiro Templo durante o reinado de Nabucodonosor (597 a.C.); grupos menores, ou familiares, esporadicamente, também teriam seguido a mesma rota; e durante a dominação romana na Palestina, sob as intervenções de Pompeu e Tito Lívio, e a destruição do Templo, muitos judeus optaram por emigrarem para a região do Ocidente Mediterrâneo (cf. KAYSERLING, 1971).

O ato de nascer do reino português politicamente, em fins do século XII, sob a espada abençoada por “visões divinas” e comandada por Afonso Henriques⁵, dá-se num momento em que os filhos de Abraão já se encontram em algumas localidades de grande povoamento e importância, como Santarém, Coimbra e Lisboa. A terra já era habitada.

O início da história dos judeus encontra-se em sua mitologia cosmogônica. O próprio Deus escolhe um homem, chamado Abrão⁶ e lhe faz uma promessa de que da sua descendência surgiria uma grande nação chamada Israel, e dessa nação viria o Messias – o salvador do mundo. De Abraão, Isaque e Jacó surgiram doze tribos, que após tornarem-se escravos no Egito, Moisés os liberta para o deserto - o Êxodo. O povo foi conduzido para a Palestina por Josué, sucessor de Moisés. A terra ao ser tomada de outros povos, com muitas lutas, foi dividida para as doze tribos. As informações sobre as vitórias e derrotas desse povo baseiam-se na *Bíblia*, o livro sagrado deste povo.

Fernando Pessoa foi um homem de uma vida preocupada com a situação e destino de Portugal, como o Moisés que se preocupava com o destino dos hebreus: entrar na terra de Canaã. Qual seria, então, o instrumento a ser usado pelo poeta para tentar guiar um tão grande povo? O Mito que tem uma interação positiva com a realidade: “A entrar na realidade, / E a fecundá-la decorre” (PESSOA, 2006, p. 20).

Graças a essa “fecundação”, com as suas típicas raízes litúrgicas, que Moisés guiou Israel do Egito à Terra Prometida. O trânsito cultural dessa materialidade do mito receberá

⁵ Afonso Henriques era filho do Conde D. Henrique de Borgonha e de D. Tareja, infanta de Leão. O caráter de inspiração divina de Afonso Henriques, primeiro rei de Portugal, faz parte do mito de Ourique. Esse corajoso homem, como o rei Davi, vence as batalhas por intermédio da ajuda divina, por isso torna-se 1º rei. Por milagre venceu a batalha de Ourique, a tomada de Santarém, e pelo milagre da vinda dos Cruzados se fez a conquista de Lisboa. Maior milagre foi o de Alcácer, quando com sessenta cavaleiros, sem couraças, D. Afonso Henriques desbaratou a um exército de quarenta mil infantas e quinhentos Mouros de cavalo (cf. AZEVEDO, 1918, p. 7).

⁶ Abrão teve seu nome posteriormente trocado pelo próprio Deus: “E não se chamará mais o teu nome Abrão (que significa pai da altura), mas Abraão (que significa pai de uma multidão) será teu nome; porque por pai da multidão de nações te tenho posto. E te farei frutificar grandissimamente e de ti farei nações, e reis sairão de ti” (GENESIS, 17. 5-6). De Isaque seu filho com Sara descendeu o povo de Israel e de Ismael, filho com uma escrava, Agar, descendeu o povo árabe.

aderências ideológicas de cunhos mais diversos. Segundo Pessoa, a vida por si só nada vale porque logo desaparece, mas o mito persiste: "a vida, metade de nada, morre" (PESSOA, 2006, p. 20).

Tomemos a história portuguesa para o que queremos demonstrar. Portugal, em 1249, tornou-se a primeira nação européia, entretanto, Pessoa diz que "Portugal não é propriamente um país europeu: mais rigorosamente se lhe poderá chamar um país atlântico – o país atlântico por excelência" (PESSOA, 1993, p. 233). Pois como pioneiro da exploração marítima na era dos descobrimentos, o reino de Portugal tornou-se um império global, com possessões em África, na América do Sul, na Ásia e na Oceania.

A independência de Portugal foi conquistada de forma gradativa, contra os reinos cristãos da Península Ibérica. "Todo o começo é involuntário", diz o poeta (PESSOA, 2006, p. 21). O Destino rege inexoravelmente a História e foi traçado por Deus desde a origem dos tempos. Assim, o Conde D. Henrique (destinado ao terceiro CASTELO), uma espécie de rei Arthur, mesmo sem saber o que fazer com a espada, recebe como recompensa a mão da princesa Tareja em casamento (história similar a do 1º rei de Israel, Saul). Tareja ou Teresa (quarto CASTELO), por sua vez, torna-se mãe do 1º rei de Portugal: "Ó mãe de reis e avó de impérios, / Vela por nós" (PESSOA, 2006, p. 21).

O período histórico de Portugal, propriamente dito, ocorre com o reinado de D. Afonso Henriques (o quinto de OS CASTELOS) que venceu a Batalha de Ourique (1139), consumando a independência política do reino. Essa famosa batalha foi contra os mouros e espanhóis quando Cristo aparece crucificado prometendo vitórias à nação.

Segundo Fernando Pessoa, é na época de El-Rei D. Dinis que Portugal começou de Nação a esboçar-se Império, pois foram feitas as Descobertas, criou-se a civilização transoceânica moderna, e depois se foi embora...

Foi-se embora em Alcácer Quibir, mas deixou alguns parentes que tem estado sempre, e continuam estando, à espera dele. Como o último verdadeiro Rei de Portugal foi aquele D. Sebastião que caiu em Alcácer Quibir, e presumivelmente ali morreu, é no símbolo do regresso de El-Rei D. Sebastião que os portugueses da saudade imperial projectam a sua fé de que a família se não extinguisse. (PESSOA, 1986, p. 40)

Seguiu-se após essa ascensão, um declínio que resultou na lamentação portuguesa do seu "destino nebuloso". Portugal que mostrara ao mundo uma geografia física e humana, até então desconhecidas, deixou-se ultrapassar pelo mundo. A esperança,

entretanto, não morreu, permanecia como permanecera para Israel: era só esperar por D. Sebastião (o Messias) e, conseqüentemente, a instauração de um novo Império. D’Azevedo (1918, p. 9-12) afirma que o mito sebástico brotou da esperança judaica no Messias, amalgamada com vaticínios trazidos da Espanha e resíduos de mitos do ciclo arturiano, conservados na tradição popular.

Em *A poética do Mito*, o crítico Mielietski (1987) diz que há uma repetição cíclica dos protótipos mitológicos primitivos sob diferentes máscaras, uma alternância original dos heróis legendários, uma descrição de eternos modelos de comportamento individual e social, de certas leis essenciais do cosmo social e natural, quer no plano geral, quer em relação à poética. Deste modo, Moisés e D. Sebastião são heróis mitológicos, como imagens arquetípicas que assumem uma função de sagrado. E na remitologização, como veremos a seguir, Pessoa trabalha com os arquétipos que dirigem a humanidade, buscando novas Descobertas e um Mundo Novo.

3. A REMITOLOGIZAÇÃO LUSITANA EM *MENSAGEM*

Desejo ser criador de mitos,
que é o mistério maior que pode obrar alguém da humanidade.
(Fernando Pessoa)

Ao falar da importância que um mito desempenha na estrutura de qualquer sociedade, Mircea Eliade (1989, p. 21) afirma que nenhum grupo tem condições de se libertar totalmente de duas das conotações essenciais do comportamento mítico (modelo exemplar e repetição), porque são consubstanciais a toda condição humana.

Ao reconhecer que um mito pode mudar no curso de uma história, produzindo-se numerosas variantes, é possível detectar ressonâncias de mitos hebraicos em mitos lusitanos, a partir do texto *Mensagem* - que é uma saga não só do povo português, mas, pode-se dizer da humanidade. Por mais específico que possa parecer os dramas portugueses, ainda assim acredita-se que sua expressão pode por em evidência questões que dizem respeito à humanidade como um todo.

De acordo com Gilbert Durand (2008, p. 14), numa entrevista a Paulo Alexandre Loução, “Portugal possui em abundância todos os mitos da Europa”. Corrobora Lima de Freitas (2006, p.76), que ao atestar a universalidade dos mitos, diz que estes são arquétipos que governam a humanidade. Segundo o autor:

A Península é o resultado de camadas de subscientes muito variadas: nórdicos, celtas, árabes, com todas essas moiras encantadas... tem, por isso, um fundo mítico muito grande; e quando afirmo que não existem mitos portugueses faço-o, evidentemente, em sentido estrito, porque existem formas tipicamente portuguesas de mitos e é através do estudo dessas formas que podemos alcançar uma possibilidade séria de autoconhecimento (FREITAS, 2006, p.77).

Nessa fusão com outros povos, Portugal cria sua história e mitos. Inclusive há equiparação de sua história social ao dos hebreus: momentos de glórias; período de decadência; seguida da ressurreição das esperanças.

A cosmovisão milenar que os hebreus⁷ desenvolveram ao longo dos anos também tem aproximação com outras culturas. Pode-se pensar que a épica hebraica primitiva, foi influenciada pela épica mesopotâmica e cananéia. Aqui o mito parece ser apresentado historicamente e a história pode ter dimensão mítica. Segundo Campbell (1990), o mistério do cosmos no interior da consciência humana é independente da diversidade dos costumes e culturas, ressoando as mesmas imagens atemporais. Talvez por isso observam-se convergências entre mitos israelitas e portugueses.

O poeta Pessoa parece ter em mente que na história da humanidade, o fenômeno messiânico é sempre lançado mão quando um povo atravessa vicissitudes históricas análogas às do povo hebreu. Movido pela busca de “um *Mais Além*” (PESSOA, 1993, p. 91), tomando posição de cidadão livre de dogmatismos, Fernando Pessoa, assim como Moisés que guiou por quarenta anos o povo hebreu pelo deserto, propõe ser um “estimulador de almas”, um “despertador de energias alheias”, por meio da remitologização.

A idéia de remitologização é oferecida pelo crítico Mielietinski, em *A Poética do Mito* (1987), que mostra que um dos traços mais importantes das vanguardas artísticas do fim do século XIX e início do século XX foi uma revalorização do mito como forma discursiva e como revelação de camadas mais profundas do psiquismo, da história da humanidade.

Fernando Pessoa com seu projeto nacional em mente, construiu uma moderna épica portuguesa (ou humana): *Mensagem*. Escrito de 1913 a 1934, o texto de poemas

⁷ O nome hebreu vem da designação do nome de *Heber* (GENESIS, 11.14-17) – “*ibri*” (“do outro lado”, numa referência ao fato de Abraão – descendente de *Heber* - como sendo o pai da raça atravessou nações, vem do outro lado do mundo para a sua terra) e são achados em diversos documentos durante vários períodos da história antiga na época dos patriarcas (JOSEFO, 2004). Hebreu como nome para o povo foi usado principalmente a partir do Egito.

Mensagem não foi um livro pré-concebido. Os 44 poemas foram escritos anos a fio e, em determinado momento, Pessoa os reuniu percebendo que se tratavam do mesmo assunto – a alma portuguesa (ou a alma humana) através de sua história/mito. Aqui mito ressurgiu como “imagem arcaica” com função de espelho para o tempo atual, cujo “olhar é esfíngico e fatal, / O Ocidente, futuro do passado” (PESSOA, 2006, p. 17).

Esse olhar esfíngico fatal fita uma nova síntese, uma revelação, no sentido de algo que mostra e algo que é mostrado (des-velado), mas também de algo que esconde e algo que volta a se esconder (velado de novo, re-velado). Por este olhar, o Sebastianismo e o V Império, mitos já conhecidos são interpelados. Na remitologização desses mitos, por Fernando Pessoa, é perceptível o aspecto do “metamito”, pois assim como é mítica a forma como as sociedades arcaicas operam com a história, é também mítica a maneira como a modernidade, com a crise do paradigma iluminista da razão e do progresso, retorna ao passado mítico e reinventa esse mito como forma de consciência (ou inconsciência) viva no presente.

Embora haja uma simulação de falar o tempo todo do passado, *Mensagem* concentra-se com obsessão no futuro, dando maior parte de seus poemas um tom enigmático, como se estes acontecimentos fossem sinais misteriosos que deveriam ser decifrados para prever o que estaria para acontecer: “Quando virás, ó Encoberto, / Sonho das eras português, / Tornar-me mais que o sopro incerto / De um grande anseio que Deus fez?” (PESSOA, 2006, p. 53). Assim em *Mensagem*, o passado é atualizado, transcendente ao regime de tempo linear e irreversível.

Pode-se considerar o poeta como um visionário, um poeta com alma de profeta, como os profetas bíblicos ou messiânicos, pois ao longo do texto, observa-se um clima de magia em torno de presságios e adivinhações. Essa epopéia moderna, ao invés de ser apresentada como um espaço de luz, possui sua superfície na penumbra, como o “Livro dos livros” dos hebreus, na qual o sujeito joga com a textualidade, fazendo multiplicarem os sentidos.

A obra *Mensagem* de Fernando Pessoa passa a ser uma espécie de cosmogonia de Portugal assim como a *Bíblia* é para os hebreus. A imagem de D. Sebastião parece ser tão importante para a cultura portuguesa assim como o Messias é para a cultura hebraica, dentre outras, tornando-se uma simbologia espiritual universal.

A própria estrutura de *Mensagem* é tripartida tal como a *Bíblia* sagrada dos hebreus, fazendo-se em três tempos, como círculo perfeito: **Brasão, Mar Português e Encoberto.**

Principia de um passado de glórias e conquistas que segue da decadência, até a vinda de um Rei Salvador que transformará a nação. Pessoa propõe, assim, uma remitologização nesse mesmo círculo! Aqui a potência mítica do substrato pode ser reconhecida, mas será renovada pelo discurso poético pessoano.

Fernando Pessoa, observador do comportamento histórico/mítico lusitano, diante do canto do cisne, resolve remitologizar o grande mito sebástico:

Temos, felizmente, o mito sebastianista, com raízes profundas no passado e na alma portuguesa. Nosso trabalho é, pois mais fácil, não temos que criar um mito, senão que renová-lo. Começemos por nos embebedar desse sonho, por o integrar em nós, por o encarnar. Feito isso, por cada um de nós, independentemente e a sós consigo, o sonho se derramará sem esforço em tudo que dissermos ou escrevermos, e a atmosfera estará criada, em que todos os outros como nós, o respirem. Então se dará na alma da Nação o fenômeno imprevisível de onde nascerão as novas Descobertas, a Criação do Mundo Novo, o Quinto Império. Terá regressado El-Rei D. Sebastião. (PESSOA, 1978, P. 225).

Este é o projeto nacional de Pessoa: remitologizar o Sebastianismo, conjuntamente com o V Império, pois D. Sebastião, o rei salvador oculto, trará consigo o V Império, que foi artisticamente apresentado em *Mensagem* (1934), como a história sagrada de Portugal.

A existência das diversas vozes presentes em *Mensagem* assinala que é chegado o momento da ruptura, isto é, da desconstrução de alguns valores estéticos retratados até então na epopéia clássica. Pessoa construiu *Mensagem* através dos vários discursos revelados ao longo do poema pelos seus personagens históricos, mas com o intuito de transgredir a observância dos modelos do passado, seja na estrutura ou imagens mitológicas, determinando a inserção do sujeito no futuro, como um “devir-judeu”⁸. Discursos esses, regidos no sentido de apontar para dois fatores importantes que denotam um novo tempo: a remitologização e a re-historicização.

Por *Mensagem* trazer um discurso épico regido por um verso quase esvaziado (“É a hora!”), tenta re-historicizar e remitologizar essa história esvaziada. Segundo Tutikian (2006, p. 11), essa remitologização é uma nova proposição mitológica, a do “desmascaramento e a busca da verdade, da realidade ideal, do Quinto Imperito Espiritual, o Império da Perfeição, encarnado em D. Sebastião”: “Que importa o areal e a morte e a

⁸ Sob a configuração da realidade processual que implica na quebra de modelos prévios e no desafio de reinventar-se outro (FUKS, 2000).

desventura / Se com Deus me guardei? / É o que eu me sonhei que eterno dura, / É Esse que regressarei.” (PESSOA, 2006, p. 47).

Assim, o poeta em uma tentativa hermenêutica de analisar o mundo português, propõe uma revisitação da linguagem épica, seus mitos e histórias que intersecciona com outros. Ou seja, num processo de dinamização de construções simbólicas adequadas à descrição dos eternos modelos de comportamento individual e social, de certas leis essenciais do cosmo, que torna extremamente atual o problema do imaginário e a investigação dos motivos psicológicos nos poemas.

Fernando Pessoa, ao lançar mão do messianismo hebraico não repete seus substratos, mas reconstrói um Portugal em obra, como um profeta que tem o espírito à altura dos tempos, portanto, remitologiza Portugal. Como podemos perceber na primeira epígrafe de *Mensagem* que faz alusão à mitologia hebraica, revelando que os portugueses também receberam um sinal de Deus que fez deles um povo escolhido: “BENEDICTUS DOMINUS DEUS NOSTER QUE DEDET NOBIS SIGNUM”. Escolhidos não para êxito terreno, mas para um “Mais Além”, um “Novo Tempo”, o V Império.

Mensagem relê os heróis da História Portuguesa e traz para junto deles os heróis lendários. Nesta obra, então, a história de Portugal parece obedecer a um plano oculto, divino, aonde os heróis míticos cumprem um destino: como Viriato (o segundo de OS CASTELOS) que resistiu “às espadas” dos romanos até morrer em prol da tribo lusitana no século II a.C.⁹. Segundo Pessoa (2006, p. 21), o ser de Viriato “é como aquela fria / Luz que precede a madrugada, / E é já o ir a haver o dia / Na antemã, confuso nada.” Viriato encarna um momento embrionário de uma nação, o momento da gestação latente; prefigura o que havia de vir; é o sinal dum plano que tinha de cumprir-se. O poeta compara o Viriato à alvorada da nacionalidade portuguesa, ou seja, a origem de um espírito nacional coletivo que ressurgiu das cinzas misturadas de judeus, islâmicos, nórdicos e romanos.

No poema *Ulisses* (o primeiro de OS CASTELOS), Pessoa (2006, p. 20) expressa “o nada” que foi Ulisses enquanto lenda e “o tudo” que se transformou na fundação de Lisboa: “Este, que aqui aportou, / Foi por não ser existindo. / Sem existir nos bastou. / Por não ter vindo foi vindo / E nos criou”. Nesta perspectiva, o mito cria e faz existir o que não

⁹ Historicamente, Viriato foi um caudilho que viveu no século II a.C., pastor serrano, espírito solitário e desinteressado, que se transformou em mito de resistência peninsular ao chefiar os lusitanos em combate na Turdetânia, onde venceram as hostes de Vetúlio, em 146 a.C.. Por sua bravura heróica e magnanimidade, chega a receber o título de ‘*Amicus populi Romanus*’, mas traiçoeiramente, foi assassinado por três amigos que se venderam para os inimigos, especificamente, para Quinto Servílio Cipião. (CAMOCARDI, 1996, p. 21).

existe: o herói que fundou Lisboa por ter ancorado ali uma de suas navegações criou Portugal.

Nesta Perspectiva, *Mensagem* poetiza acontecimentos decisivos da História oficial de Portugal, mas também opera uma revisitação, pois Fernando Pessoa escolhe os personagens reais ou lendários que considera decisivas sob o prisma de uma intervenção divina na história da nação, deixando outras personagens de lado.

Em relação ao gênero épico, Pessoa supera os clássicos. Em *Mensagem* não se tem uma narrativa sobre os grandes feitos dos portugueses no passado, como em *Os Lusíadas*, mas sim, um cantar de um Império de teor espiritual, da construção de uma “supra-nação”, por meio da ligação ocidente/oriente: não são os fatos históricos propriamente ditos sobre os reis portugueses que importam, mas as suas atitudes e o que representam para a humanidade, como símbolos míticos.

Na construção de uma épica moderna, Pessoa transforma-se num arquiteto que edifica uma obra nova onde tudo é mito, utilizando simultaneamente o discurso épico e anti-épico (cf. TUTIKIAN, 2006), em uma atemporalidade mística. Assim, Pessoa revisita a arquitetura literária com teor híbrido (por isso é importante observarmos a estruturação de *Mensagem*) reelaborando o mito nacional.

Pode-se apontar que este foi o modelo estrutural seguido pelo poeta: “Quando Deus faz, a história é feita” (PESSOA, 2006, p. 23). Se a história é feita por Deus, não há tempo cronológico, porque um dia para Deus é como mil anos e mil ano como um dia (SALMOS 90.4). Assim, os “dias” da criação são imensos em relação aos anos nos quais reinam os soberanos; e o mesmo pode-se dizer para os patriarcas, que se situam, por assim dizer, “a meio caminho” entre os tempos primordiais e o tempo histórico. Revela-se, portanto, indispensável respeitar as diferentes características temporais que são próprias de cada categoria narrativa e servem apenas como fundo à história universal.

Assim como é difícil de falar de um tempo na *Bíblia* Hebraica, também o é em *Mensagem* de Fernando Pessoa. Na *Bíblia* há um tempo imemorável das leis, um tempo profético da profecia, um tempo quotidiano da sabedoria, um “agora” do lamento e do louvor. O “tempo bíblico” – se esta expressão é válida – é constituído pelo cruzamento de todos os valores temporais conservados pelas diferentes formas narrativas. Fernando Pessoa, a seu modo, também rompe com o tempo cronológico e recria o mito lusitano.

Mensagem, portanto, é uma obra que vai além de uma observação entre o mundo pagão ou cristão, entre passado e futuro. Ao invés disso, estabelece uma harmonia perfeita

entre o mundo pagão, o mundo cristão e o mundo esotérico. Como diz Maria Amélia Gomes (*In*: PESSOA, 1993, p. 91), “Pessoa não se mostra comprometido nem com religiões nem com grupos políticos, mas antes interveniente no viver social quando as circunstâncias o pedem e as suas convicções lho ditam”.

Fernando Pessoa, como escritor genial, em sua remitologização, partiu da “canta-histórias”, como um narrador-teológico que exprime a sua visão das relações universais através de narrações descontínuas, nas quais a história do povo eleito, português, faz alusão ao povo hebreu e, também, está ligada à história universal da humanidade.

Consciente da profunda crise nacional, em NEVOEIRO, último poema de *Mensagem*, Fernando Pessoa profetiza “a hora chegada” de se enveredar por outros caminhos:

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a hora!

Nota-se neste poema o desencanto com o Portugal do tempo presente: Portugal é nevoeiro. Nevoeiro é símbolo do desconhecido que impulsiona a busca pelo conhecimento: “é a hora!” Ao abarcar o tempo presente decadente, Pessoa “remitologiza” a história de Portugal em prol de um ideal Universal.

4. A GUIA DE CONCLUSÃO

“Tudo pela Humanidade; nada contra a nação”.
(Fernando Pessoa)

Na epígrafe acima, Pessoa parece não querer trair a sua missão salvadora da humanidade, mesmo que para isso torne-se mártir ou um Messias ou o “Supra-Camões”.

Assim pretende doar a si mesmo, como um tipo de Cristo, a fim de contribuir para a evolução da humanidade. Sua intenção parece ser anunciar o aparecimento de um criador ou uma criação que trabalhasse o espírito português disperso e estagnado, marcando o início de uma nova era na evolução da humanidade. Portugal seria assim um sinal, um exemplo a ser seguido pelo mundo, assim como estava predestinada a nação de Israel. É nesse sentido de universalidade que a obra *Mensagem* de Pessoa desenvolve sua especulação filosófica. Aqui a história de Portugal é vista por um ângulo interpretativo do poeta-profeta.

O próprio profeta também foi o Messias que salvou a nação de Portugal da única referência: *Os Lusíadas*. Pessoa confiava que sua missão era tão importante que merecia até o sacrifício de sua própria vida.

(...) Viver não é necessário; o que é necessário é criar. Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha. Cada vez mais assim penso. Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade (Fernando Pessoa, 1993, p.60).

O livro *Mensagem* foi o único publicado com Fernando Pessoa ainda vivo e foi a única obra que ele assina como Fernando Pessoa - ortônimo. Com isso o poeta consegue superar a angústia da influência camoniana e apaga mais de três séculos da história decadente de Portugal. Pessoa, simultaneamente, dialoga com toda uma era, traduz sentimentos e sensações que dizem respeito a toda humanidade: pode-se assim dizer a todos os poetas, a todos religiosos, a todos os filósofos.

Ao propor a remitologização lusitana, Pessoa foi além de um materialismo histórico de Portugal e trabalhou um lado simbólico da História da Humanidade: um “*Mais Além*” (PESSOA, 1993, p. 91).

REFERÊNCIAS

- ARISTOTELES. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1980.
- AZEVEDO, J. Lúcio de. *A Evolução do Sebastianismo*. Lisboa: Livraria Clássica Editora: 1918.
- BARRETO, José, “Fernando Pessoa racionalista, livre-pensador e individualista: a influência liberal inglesa”, in DIX, Steffen; PIZARRO, Jerônimo. *A Arca de Pessoa*, Lisboa: ICS, 2007, p. 119-120.
- BÍBLIA HEBRAICA*. Formato: ADOBE EPUB EBOOK. Trad. Tradutor: FRIDLIN, Jairo; GORODOVITS, David. Editora: SEFER EBOOK, 2012. E-book disponível em www.semeadoresdapalavra.net. Acesso em 14 de outubro de 2008.
- CAMÕES, Luis Vaz de. *OS Lusíadas*. 4ª ed. Porto – Portugal: Editora Porto, s/d.
- CAMOCARDI, Elêusis M. *Mensagem: História, Mito, Metáfora*. São Paulo: Arte & Ciência. 1996 (Universidade Aberta, v. 21).
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Org. Betty Sue Flowers; Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- DURAND, Gilbert. *Portugal: Tesouro Oculto da Europa*. Tradução de Lima de Freitas *et al.* Lisboa: Ésquilo, 2008.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1989.
- FREITAS, Lima de. *Porto do Graal*. Lisboa: Ésquilo, 2006.
- FUKS, B. Betty. *Freud e a judeidade: vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- HERMANN, Jacqueline. *No reino do desejado: A construção do sebastianismo em Portugal nos Séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus: de Abraão a queda de Jerusalém*. Trad. Vicente Pedroso. 8ª ed. Rio de Janeiro: CPAD. 2004.
- KAYSERLING, Meyer. *História dos Judeus em Portugal*. São Paulo: Pioneira, 1971.
- LOURENÇO, Eduardo. “Sonho de Império e Império de Sonho”. IN: PESSOA, Fernando. *Mensagem – Poemas esotéricos*. Edição crítica de José Augusto Seabra. São Paulo: ALLCA XX, 1997.
- MIELIETINSKI, E. M. *A poética do mito*. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

NOVINSKY, Anita. “Fernando Pessoa: O Poeta marrano”. In: *Revista Portuguesa de História*. T. XXXIII. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de História Económica e Social, 1999, pp. 699-711.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Edição comentada por Jane Tutikian. Porto Alegre: L&PM, 2006.

PESSOA, Fernando. *Pessoa inédito*. Coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Livros Horizonte. 1993.

PESSOA, Fernando. *Portugal, Sebastianismo e Quinto Império*. Edição, introdução e notas de António Quadros. Lisboa: Europa-América, 1986.

SARAIVA, António José. “As Épocas da Cultura Portuguesa”. In: *A Cultura em Portugal: Teoria e História*, I, Lisboa, Gradiva, 1994.

TUTIKIAN, Jane. “Apresentação de Mensagem”. In: PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Porto Alegre: L&PM, 2006.